

CARTA PASTORAL
A Alegria de EVANGELIZAR COMO MARIA

«FAZEI O QUE ELE VOS DISSER» (Jo 2,5)
A Alegria de EVANGELIZAR COMO MARIA

Caríssimos irmãos e irmãs
Pax!

Grande é a alegria de evangelizar como Maria, primeira peregrina da fé, e com Ela ousar dizer: «*Fazei o que Ele vos disser*» (Jo 2,5). Estas palavras constituem, com efeito, um programa de vida cristã. À semelhança de Maria, a Igreja «*pela pregação e o Baptismo, gera, para a vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus*» (*Lumen Gentium* 64), para que todos cheguem à plenitude da sua vocação.

Maria aponta sempre para Jesus e é a sua porta-voz. Ela existe para mostrar Deus a todas as gerações. Ficar só na devoção a Maria é desconhecer e trair a sua missão. Como Ela e com Ela há que passar aos sacramentos, à Palavra de Deus, à Igreja, aos irmãos. A devoção mariana é uma característica evidente da fé cristã nas pessoas do Nordeste Transmontano. O Povo Santo de Deus aprendeu e não perde o gosto de peregrinar aos santuários marianos, vendo em Maria «*a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida*» (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (EG) 286).

Ser cristão é estar a caminho. Caminhámos durante 4 anos na estrada de Jesus, no projeto pastoral 2012-2017 sob o lema «*Repartir de Cristo nos caminhos da Missão*», sublinhando os seguintes percursos: 2012/13 – Ano da Fé «*Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja*» (Liturgia); 2013/14 – Ano Vocacional «*Senhor, eis-me aqui, podeis enviar-me*» (Is. 6,8); 2014/15 – Ano da Bíblia «*Confio-vos a Deus e à Palavra da Sua Graça*» (At 20, 32), Peregrinação da Virgem Peregrina de Fátima à diocese; 2015/16 – Ano da Santidade «*Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação*» (1Tess. 4,3). Com a peregrinação diocesana a Fátima e a Roma e a conclusão da visita pastoral, iniciada em 2012, a toda a Diocese, acentuamos

a vida em Cristo, na terra do nosso peregrinar (cf. Sl 118,54).

A partir deste Ano peregrinaremos intimamente ao ritmo do Ano Litúrgico, fazendo coincidir o Ano Pastoral com o Ano Litúrgico, para tornar mais claro o modelo catecumenal no encontro pessoal com Jesus Cristo. O Ano Litúrgico será assim o Ano Eclesial, como auxílio na peregrinação de crescimento da comunidade cristã e de cada um dos fiéis chamados a fazer o que Jesus Cristo nos diz na Sua Igreja.

Efetivamente, o Ano Litúrgico é uma verdadeira mistagogia, ou seja, uma autêntica introdução no mistério de Cristo por meio da celebração e da catequese litúrgica, *«partindo do visível para o invisível, do sinal para o significado, dos “sacramentos” para os “mistérios”»* (Catecismo da Igreja Católica 1074).

Em 2017 celebramos o centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima e há 160 anos (1856-2016) que Nossa Senhora das Graças é padroeira da cidade de Bragança. Maria é Aquela que a Sagrada Escritura apresenta como a toda bela: *«quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas?»* (Cc 6,10).

Recorda-nos o Papa Francisco: *«Há um estilo mariano na actividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afecto. Nela vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes»* (EG 288). Por isso, neste Ano Litúrgico-pastoral propomos a alegria de evangelizar como Maria, acolhendo fielmente a arte mistagógica de Maria que nos coloca no caminho de Jesus Cristo para vivermos com Ele e como Ele.

Efetivamente, Maria *«no banquete de Caná estava presente não tanto como convidada, mas sobretudo como um olhar vigilante e atento, como uma mulher atenciosa e interessada pelos outros, nada preocupada consigo mas pronta a perceber os diversos aspectos da situação; a sua, é uma percepção de empatia e sintonia com os problemas alheios»* (C. Martini). Todavia, a intervenção de Maria afirma-se na centralidade de Jesus: *«fazei o que Ele vos disser»*.

1. «Fazei o que Ele vos disser» – a última palavra de Maria

«Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá.² Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda.³ Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!»⁴ Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.»⁵ Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!»⁶ Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. ⁷Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.»⁸ Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.»⁹ E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo¹⁰ e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!»¹¹ Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele.¹² Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias» (Jo 2,1-12).

O texto bíblico do Evangelho de S. João, que serve de guião e de GPS para este Ano Mariano, insere-se na semana inaugural da manifestação de Jesus aos discípulos, três dias depois do encontro com Filipe e Natanael, como refere o texto: *«No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia»*, e sete dias a seguir ao primeiro testemunho de João Baptista sobre Jesus, (cf. Jo 1,19-51). Caná é uma metáfora do constante serviço de compaixão que a Igreja é chamada a realizar a toda a humanidade e a cada pessoa.

A certa altura o vinho faltou e Maria disse a Jesus: *«não têm vinho»*. Estranhamente, Jesus responde: *«Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora»*. O título 'Mulher' é repetido na hora da Cruz *«Mulher, eis o teu filho!»* (Jo 19,26), interpretando teologicamente, Maria, a Esposa do Senhor e Mãe da Igreja evangelizadora.

A resposta de Jesus parecendo estranha, pretende dizer que, enquanto Maria pensa no vinho da festa, Jesus pensa na sua missão, agora inaugurada. Por isso, entre eles há uma certa incompreensão. A hora da realização final ainda não chegou, como se desenvolverá no evangelho joanino, ao aproximar-se a hora da paixão e morte na cruz – ponto culminante de todo o seu mistério e ministério pascal, a hora da manifestação da sua glória – onde Maria também está. Todavia, Jesus realiza o milagre, transformando a água em vinho, mas o vinho bom que Ele dá é um sinal do vinho messiânico da sua missão. Maria com confiança plena diz, então, aos serventes: «*Fazei tudo o que Ele vos disser*». A hora de Maria coincide sempre com a hora de Jesus e ajuda a fé dos discípulos.

Maria participa da festa, serve, ajuda, come, bebe, conversa, mas está atenta às coisas e capta o sentido global de todas. Isto permite-lhe ver o que ninguém vê, como o caso do vinho. A atenção é a qualidade humana necessária e prévia ao caminho espiritual. «*Fazei o que Ele vos disser*»: eis as últimas palavras de Maria no IV Evangelho, às quais podemos chamar de testamento de Maria. Nos Evangelhos são seis as vezes em que Maria fala, sempre em poucas palavras, exceptuando o cântico do Magnificat. Alguns autores dizem até que falou por setes vezes, sendo a sétima palavra, aquela junto à cruz, a mais eloquente, porque brotou do silêncio¹.

Agora vejamos como este imperativo mariano nos revela o mistério de Jesus. As palavras de Maria traduzem o seu Sim dado na Anunciação e convidam-nos a estar igualmente prontos a fazer o que Jesus Cristo nos pede, «*porque o homem encontra o seu verdadeiro bem em fazer a vontade de Deus*» (C. Martini).

Maria assume um serviço de mediação como Moisés. De facto, no Sinai, ao terceiro dia o Senhor revelou a sua glória

¹ «*Sugestivamente os Padres da Igreja, ao contemplarem este mistério [palavra da Cruz], colocam nos lábios da Mãe de Deus esta expressão: “está sem palavras a Palavra do Pai, que fez toda a criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d’Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida”. Aqui verdadeiramente comunica-se-nos o amor “maior”, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15,13)*». MÁXIMO, o Confessor, in BENTO XVI, *Verbum Domini* 12.

a Moisés. Em Caná, ao terceiro dia Jesus revelou a sua glória, dando o vinho novo. Por outro lado, no Sinai Israel promete: «quanto o Senhor disse, nós o faremos» (Ex 19,8; 24,3.7); em Caná, Maria exorta os servos da mesa: «fazei o que Ele vos disser». Há muitos exegetas que ligam estas palavras, àquelas que Faraó disse aos egípcios quando lhe pediram pão nos anos de carestia: «*ide a José. Fazei o que ele vos disser*» (Gen 41,55). De qualquer modo, na óptica joanina, a inauguração da Nova Aliança realizou-se em Caná.

Como o Papa Francisco escreveu, em Caná: «*Temos uma Mãe de olhar vigilante e bom, como seu Filho; o coração materno e repleto de misericórdia, como Ele; as mãos que desejam ajudar, como as mãos de Jesus que dividiam o pão para quem tinha fome, que tocavam os doentes e os curavam. Isto enche-nos de confiança, fazendo-nos abrir à graça e à misericórdia de Cristo. A intercessão de Maria faz-nos experimentar a consolação, pela qual o apóstolo Paulo bendiz a Deus: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus. Na verdade, assim como abundam em nós os sofrimentos de Cristo, também, por meio de Cristo, é abundante a nossa consolação” (2 Cor 1, 3-5). Maria é a Mãe «consolada», que consola os seus filhos*».

O primeiro milagre de Jesus relaciona-se, intimamente, com a sua missão, no qual se testemunha que a glória divina está presente desde o início da vida pública de Jesus, antecipando a manifestação plena. O contexto é o da festa de um casamento em Caná da Galileia, onde estava a Mãe de Jesus, sendo, também, convidados ao banquete de núpcias, Jesus e os seus discípulos.

Vários comentadores salientam que João define o milagre programático de Caná não simplesmente como o “primeiro”, mas também o “arquétipo”, ou seja, o “principal” dos prodígios realizados por Jesus. O substantivo *semeion* (sinal) recorre 17 vezes no Evangelho de João.

Certamente que não se pode excluir um simbolismo

eucarístico nesta narração das bodas de Caná, porque pela força da Eucaristia a Igreja experimenta na esperança as alegrias das bodas com Cristo.

A cena seguinte anda à volta das talhas, que se encham de água (600lt), com a colaboração humana. Estas talhas eram destinadas à purificação dos Judeus. A ineficácia dessa água é transformada pelo vinho novo. Em Caná, o milagre é em quantidade e qualidade. Esta abundância de água que está para ser transformada em vinho, reevoca a linha profética, (cf. Am 9,13-14; Os 14,7; Jer 31,12) que fala do vinho da alegria escatológica abundante no copo dos crentes.

Os servos das bodas são chamados diáconos, os amigos de Jesus. Na verdade, Ele próprio disse no mesmo Evangelho: *«Vós sereis meus amigos se fizerdes o que vos mando»* (Jo 15,14).

O mistério de Caná abre a epifania da glória de Cristo e mostra a sua missão, a razão do seu ministério como graça sobre graça. João oferece a sua interpretação essencial do mistério cristológico que, sob a imagem do casamento, representa a inauguração da Nova e eterna Aliança: *«Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele»*. Não se trata de uma fé nascida do milagre, mas de uma fé que soube ler e compreender o milagre da novidade e abundância da bondade de Deus para os crentes. *«A rosa é sem porquê; floresce porque floresce, não cuida de si própria, não pergunta se a vemos»* (A. Silesius).

A imagem das núpcias foi usada muitos séculos antes de Cristo, por um profeta anónimo, que a Escritura conserva inserido na grande tradição de Isaías, que falou da salvação de Jerusalém: *«não mais te chamarão “Abandonada”, nem à tua terra “Deserta”, mas hão-de chamar-te “Predilecta” e à tua terra “Desposada”, porque serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um esposo...tu serás a alegria do teu Deus»* (Is 62, 1-5). O Senhor é, portanto, o esposo do seu povo. No tempo dos Patriarcas, a Aliança era descrita em termos de um pacto entre duas partes, de mútua conveniência e interesse. Posteriormente, os Profetas começam a falar de um pacto, uma relação mais forte, definido pelas imagens da aliança matrimonial, cujo fundamento é o amor.

A Igreja-esposa vê simbolicamente nas bodas de Caná a sua própria união esponsal com Cristo-esposo. Ele é o esposo, como se autodefiniu (cf. Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34). Cristo-esposo é um dos muitos modelos teológicos usados pelo Novo Testamento para indicar a relação íntima entre Cristo e a Igreja.

O vinho ocupa o centro da narração evangélica, onde é referido por 5 vezes. De facto, o vinho no mundo bíblico é símbolo da bênção abundante de Deus e símbolo do Reino que vem. O facto de não haver mais vinho no banquete significa que o Reino ainda estava longe. A intervenção da Mãe não é uma intercessão de salvação mas, mais que isso, é uma disponibilidade total de Maria à obediência, qual figura de Israel que acolhe as condições ainda desconhecidas da nova e definitiva aliança que Deus realiza em Jesus Cristo.

2. As outras palavras de Maria no Evangelho

2.1. **«Maria disse ao Anjo: Como será isso, se eu não conheço homem?»**(Lc 1,34)

No momento da Anunciação, a voz vinda do céu, a do Anjo Gabriel *«alegra-te ó cheia de Graça»* aparece como uma palavra de bênção, que acena e prepara para uma grande comunicação, que se tornou realidade em Maria e transformou a sua vida. Maria é, de facto, definida pela sua essência de criatura harmoniosa e bela. A fé é dar atenção a quem nos chama pelo nome e espera uma resposta. O nome da jovem de Nazaré é *«cheia de graça»*. O Anjo não lhe chama Maria. A Tradição viu nestas palavras a verdade da Imaculada Conceição. *«Cheia de graça»* é Maria, repleta do amor divino desde o primeiro momento da sua existência, providencialmente predestinada para ser a Mãe do Redentor, e intimamente associada a Ele no mistério da salvação. E, este apelativo vem, logo a seguir, interpretado pelo Anjo *«não tenhas medo Maria, pois encontraste graça junto de Deus»*, para indicar a dignidade messiânica da Mãe do Rei que ocupará *«o trono de David»*.

A reacção da jovem de Nazaré é dupla: emotiva e racional. A pergunta que faz, toca o coração do mistério: *«como é que vai ser isso, se eu não conheço homem?»*. O

mensageiro responde: «*a Deus nada é impossível*». Diz, com efeito, que “Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos”. Nenhuma palavra criadora é impossível a Deus.

Maria é como alguém que conversa com Deus em nome de todos os que esperam a salvação. Começa, assim, o reatar da aliança nupcial de Deus com o seu povo. O povo cristão recorda este momento alto da História da salvação na oração diária do *Angelus Domini*.

O Senhor, por meio do Anjo, propõe a Maria a maternidade divina. Ela foi a escolhida para Mãe de Deus. E a resposta de Maria foi uma pergunta. A primeira palavra é uma pergunta. Num tempo de ambiguidades existenciais, tantos homens e mulheres, e muitos deles cristãos, para quem serve tudo, sem verticalidade, sem coerência, esta palavra de Maria é um apelo muito sério a uma forma de viver onde o que importa é a vida e a verdade e não as palavras. É grande o que primeiro faz e depois é que ensina.

Etty Hillesum, uma jovem judia à espera de ser deportada para o campo de Westerbork na Holanda e depois para Auschwitz, escreve no seu diário: «*o importante será a relação justa entre palavras e silêncio, um silêncio no qual acontece mais do que em todas as palavras que uma pessoa consegue reunir. (...) E, por conseguinte, as palavras deveriam servir somente para dar forma e delineação ao silêncio*». O silêncio é, por si próprio, algo muito positivo.

Maria torna-se Mãe através do seu SIM. É a obediência de Maria que abre a porta a Deus. Maria é a humanização de Deus. Esta criança que Ela trouxe, pertence a todos. O Filho conduz à Mãe. «*Por isso festejamos a roda do teu colo*», como escreveu o P. Tolentino no poema «A Pietà da Catedral de Bragança». Lembremo-nos de que Maria é a única mãe do mundo que foi escolhida pelo Filho.

2.2. Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela»(Lc 1, 38).

A jovem de Nazaré, aparece como a amada e serva do Senhor, Virgem e Mãe. A propósito escreveu o Papa Bento XVI na sua encíclica *Deus caritas est*: «*Maria é grande,*

precisamente porque não quer fazer-se grande a Si mesma, mas engrandecer a Deus. Ela é humilde: não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor (cfr. Lc 1,38.48). Sabe que contribui para a salvação do mundo, não realizando uma sua obra, mas apenas colocando-se totalmente à disposição das iniciativas de Deus. É uma mulher de esperança: só porque crê nas promessas de Deus e espera a salvação de Israel, é que o Anjo pode vir ter com Ela e chamá-la para o serviço decisivo de tais promessas» (n.41).

A Anunciação a Maria é o mistério que inaugura a «plenitude dos tempos» (Gál 4,4), ou seja, o pleno cumprimento de todas as promessas. No centro de tudo está o Filho, mas a mãe é central, ou seja, Maria subordina-se e finaliza em Jesus. Na Anunciação ela torna-se verdadeiramente templo de Deus, habitação de Deus. A tal propósito, são sugestivas as palavras de Santo Ambrósio, Bispo de Milão: «*Maria é o templo de Deus, não o Deus do templo. Por isso só Aquele que fez maravilhas no templo é digno de adoração*».

A jovem de Nazaré, aparece como a amada e serva do Senhor, Virgem e Mãe. Figura singular, Maria reassume o antigo e antecipa o novo. A sua identidade está ligada à sua feminilidade e à sua maternidade. Tudo acontece na esfera do Espírito Santo, que é a fecundidade de Deus, a potência geradora do Pai. Maria foi a primeira a beneficiar dos frutos da obra da Redenção, tornando-se a imagem e o modelo, segundo o qual Deus quer refazer o rosto da humanidade. E é tanto o silêncio de Maria confiado à Luz.

Maria dá o seu consentimento ao Anjo. Anunciação é sinónimo de vocação. De facto, foi neste dia que a Virgem de Nazaré recebeu a revelação da sua vocação excepcional; foi este o dia em que Maria, ao ter conhecimento da sua vocação, respondeu: «*Eis a Serva do Senhor*». Na vocação está sempre Deus que chama e a pessoa humana chamada.

A seguir ao grande encontro e à escuta da revelação, Maria age e vai visitar sua prima Isabel. Aquilo que se decidiu dentro do coração, com profundidade, há que levá-lo a cabo porque, de contrário, morre dentro de nós. Isto vale também para as coisas mais pequenas, como uma carta que tem de se escrever, uma mensagem a enviar, uma visita que nos custa,

uma iniciativa que parece difícil, um trabalho que decidimos fazer para o bem comum, uma pessoa que temos de escutar e de ajudar...

Quando o texto narra: *«E o Anjo retirou-se de junto dela»*, começa o enorme desafio da fé na peregrinação da vida de Maria. A fidelidade marca toda a existência de Maria até ao fim do fim. Com efeito, *«nós não somos chamados a ter êxitos, mas sim a ser fiéis»* (Santa Teresa de Calcutá).

2.3. *Magnificat*

Maria disse, então: «A minha alma glorifica o Senhor⁴⁷ e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.⁴⁸ Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.⁴⁹ O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome.⁵⁰ A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.⁵¹ Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos.⁵² Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.⁵³ Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias.⁵⁴ Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,⁵⁵ como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre» (Lc 1, 46-55).

O Evangelho que narra a visitação de Maria a sua prima Isabel, o encontro das duas mães grávidas, reproduz o *«Magnificat anima mea Dominum»*, o canto feliz e reconhecido pelas maravilhas que Deus realiza pela salvação do homem, associando Maria e a Igreja. O impossível tornou-se possível, isto é, a vida nasce de onde não se esperava, pois Maria era virgem e Isabel era estéril, mas o milagre aconteceu na misericórdia de Deus.

«As palavras usadas por Maria, no limiar da casa de Isabel, constituem uma profissão inspirada desta sua fé, na qual se exprime a resposta à palavra da revelação, com a elevação religiosa e poética de todo o seu ser no sentido de Deus. Nessas palavras sublimes, que são ao mesmo tempomuito simples e totalmente inspiradas nos textos sagrados do povo de Israel, transparece a experiência pessoal de Maria, o êxtase do seu coração. Resplandece nelas um

*clarão do mistério de Deus, a glória da sua inefável santidade, o amor eterno que, como um dom irrevogável, entra na história do homem. Maria é a primeira a participar nesta nova revelação de Deus e, mediante ela, nesta nova "autodoação" de Deus. Por isso proclama: "Grandes coisas fez em mim... e santo é o seu nome". As suas palavras reflectem a alegria do espírito, difícil de exprimir: "O meu espírito exulta em Deus, meu Salvador". Porque "a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifestasse-nos... em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação". No arroubo do seu coração, Maria confessa ter-se encontrado no próprio âmago desta plenitude de Cristo. Está consciente de que em si está a cumprir-se a promessa feita aos pais e, em primeiro lugar, em favor de "Abraão e da sua descendência para sempre": que em si, portanto, como mãe de Cristo, converge toda a economia salvífica, na qual "de geração em geração" se manifesta Aquele que, como Deus da Aliança, "se recorda da sua misericórdia"» (S. João Paulo II, *Redemptoris Mater* 36).*

O *Magnificat* exprime a alegre esperança da Igreja de ser destinada a partilhar da mesma glorificação concedida antecipadamente à mãe de Jesus. Como Maria, também a Igreja tem a missão de tornar experiencial aos homens Aquele que aceitou ser homem para a salvação dos homens. Sophia de Mello Breyner considerava que o *Magnificat* fosse: «talvez o mais belo poema que existe».

Nesta narrativa do encontro de Maria com Isabel, S. Lucas conservou na saudação de Isabel a primeira Bem-Aventurança do Evangelho: «*Feliz de Ti porque acreditaste*». A grandeza de Maria é inteira, Ela «*é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor*» (EG 286).

2.5. «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» (Lc 2, 48).

Estas palavras de Maria estão noutro contexto. Jesus já tem 12 anos. A pergunta feita a Jesus manifesta a preocupação

materna no cuidado e na educação de Jesus. Mas a resposta que o próprio Jesus lhes dá é algo desconcertante e misterioso: *«Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?»*. O texto de Lucas acrescenta: *«mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse. Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens»*.

De facto, os dois últimos mistérios gozados do Rosário que costumamos contemplar, mesmo conservando o sabor da alegria *antecipam já os sinais do drama*. A apresentação no templo, enquanto exprime a alegria da consagração, o velho Simeão apresenta também a profecia do *«sinal de contradição»* que o Menino será para Israel e da espada que trespassará a alma da Mãe (cf. Lc 2, 34-35). Gozoso e ao mesmo tempo dramático é o episódio de Jesus, aos doze anos, no templo. *«Vemo-Lo aqui na sua divina sabedoria, enquanto escuta e interroga, e substancialmente no papel d'Aquele que "ensina"». A revelação do seu mistério de Filho totalmente dedicado às coisas do Pai é anúncio daquela radicalidade evangélica que põe inclusive em crise os laços mais caros do homem, diante das exigências absolutas do Reino. Até José e Maria, aflitos e angustiados, "não entenderam" as suas palavras (Lc 2, 50)»* (S. João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariae* 20).

Para Jesus, a prioridade fundamental a que tudo se subjeta, até a própria família, é o projecto de Deus Pai, o plano que Ele tem para cada pessoa. O Pai é o segredo vocacional de Jesus, de onde deriva toda a sua missão.

2.4. **Maria de pé junto à Cruz**

«Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» ²⁷Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (Jo 19, 25-27).

O Papa São João Paulo II, ao meditar este misterioso silêncio da escuta de Maria, disse em Fátima a 13 de Maio de

1991: «o Santuário de Fátima é um lugar privilegiado, dotado de um valor especial: contém em si uma mensagem importante para a época que estamos a viver. É como se aqui, no início do nosso século, tivessem ressoado, com um novo eco, as palavras pronunciadas no Gólgota. Maria, que estava junto da Cruz de Seu Filho, teve de acolher uma vez mais a vontade de Cristo, Filho de Deus. Mas enquanto, no Gólgota, o Filho lhe indicava um só homem, João, Seu discípulo amado, aqui Ela teve de os acolher a todos. Todos nós, os homens deste século e da sua difícil e dramática história. Mãe do Redentor! Mãe do nosso século! Tu estás e permanecerás, porque o Filho Unigénito de Deus, Teu Filho, Te confiou todos os homens, quando ao morrer sobre a Cruz nos introduziu, no novo princípio de tudo quanto existe. A tua maternidade universal, ó Virgem Maria, é a âncora segura de salvação da humanidade inteira. Mãe do Redentor! Cheia de Graça! Eu Te saúdo, Mãe da confiança de todas as gerações humanas!»

O silêncio de Maria que estava de pé junto à cruz, é a “palavra”-síntese de toda a sua vida cheia de amor e esperança. Ela é mãe e crente. De facto, «Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação. Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino» (EG 285).

3. Maria no Ano Litúrgico

O Concílio de Éfeso (431) com a declaração de Maria, *Mãe de Deus* (*Theotókos*), foi um marco decisivo para a história do culto mariano. A partir desta altura algumas festas marianas fixaram-se na Liturgia da Igreja.

Recordamos que a Liturgia da Igreja celebra sempre o mistério pascal de Cristo e venera a Mãe do Salvador, porque a Virgem Maria está sempre unida a seu Filho. Na verdade, «quando se completou o tempo previsto, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos» (Gál 4, 4-5).

O II Concílio do Vaticano apresenta Maria como imagem,

tipo e exemplo da Igreja e celebra-a no decorrer do Ano Litúrgico. Efetivamente, *«na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, porque indissolivelmente unida à obra de salvação do seu Filho, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser»* (Sacrosanctum Concilium 103).

O mesmo Concílio, depois de ter exposto a doutrina católica sobre a veneração a prestar a Maria, *«recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico»* (Lumen Gentium 67). O princípio fundamental é que todas as festas de Maria são festas de Cristo e nascem da Páscoa. De facto, a celebração litúrgica da Virgem Maria tem uma profunda ligação a Cristo, porque a Liturgia da Igreja realiza por meio de sinais sensíveis o mistério de Cristo.

O fundamento teológico-litúrgico das festas de Maria na celebração do mistério de Cristo deriva, pois, da sua participação íntima na história da salvação através da sua presença activa nos mistérios da vida de Cristo. É o reconhecimento que Cristo veio a nós, na plenitude do tempo, por meio de Maria.

No tempo do Advento, a Igreja contempla Maria como a Filha eleita da estirpe de Israel e recorda o mistério da Anunciação e da Visitação à sua prima Isabel e os episódios relativos ao nascimento de Cristo e do seu precursor.

Na solenidade da Imaculada Conceição a 8 de Dezembro, a Igreja canta as maravilhas que Deus operou em Maria e aprofunda as razões deste dogma mariano, proclamado em 1854 pelo Papa Beato Pio IX. Assim se reza no prefácio próprio deste dia: *«Vós a preservastes de toda a mancha do pecado original, para que, enriquecida com a plenitude da vossa graça, fosse a digna Mãe do Vosso Filho. Nela destes início à santa Igreja, esposa de Cristo, sem mancha e sem ruga, resplandecente de beleza e santidade. Dela Virgem puríssima, devia nascer o Vosso Filho, cordeiro inocente que tira o pecado do mundo. Vós a destinastes, acima de todas as criaturas, a fim de ser, para o vosso povo, advogada da graça e modelo de*

santidade».

Maria é o modelo da preparação para acolher o Salvador que vem *«a fim de nos encontrar vigilantes na oração e celebrando os seus louvores»* (Prefácio do Advento II). Os mistérios da infância de Jesus e das suas primeiras manifestações, celebrados no tempo do Natal, levam a Igreja a venerar Maria como Mãe de Deus e Mãe do Salvador. Neste tempo, além da celebração da epifania do Senhor e a sua apresentação no Templo, a Igreja admira Maria no mistério da vida silenciosa em Nazaré.

O tempo do Natal constitui uma prolongada memória da maternidade divina. Por tal, a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, fixou-se a 1 de Janeiro, dia da oitava do Natal. A Igreja dedica o primeiro dia do ano civil a Maria, celebrando o seu privilégio único e o seu título essencial de Mãe de Deus. A Liturgia canta-o com admiração: *«oh admirável mistério! O criador do género humano, tornado corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da Sua divindade!»* (Liturgia das Horas).

No itinerário da Quaresma, Maria é exemplo de escuta da Palavra de Deus em ordem a uma conformação cada vez maior ao mistério da cruz. Ela é a perfeita discípula do Senhor, que O segue até à cruz.

Entretanto, a 25 de Março, a Liturgia celebra a solenidade da Anunciação do Senhor, nove meses antes do Natal. No sublime mistério da Encarnação, a Virgem fiel concebe, pelo Espírito Santo no útero, o Filho de Deus que, ao entrar no mundo, disse. *«Eis-Me aqui, ó Deus, para fazer a Tua vontade»* (Heb 10,7). A consciência da Igreja sobre o mistério da Encarnação é constante, como se recita no Símbolo da fé: *«e, por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus. E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem»* (Símbolo Niceno-Constantinopolitano).

O mistério da Encarnação, no contexto da Anunciação, acontece no silêncio de Deus que por nosso amor desceu dos Céus. O acontecimento celebrado na Anunciação do Senhor manifesta a essência do culto cristão que é por sua natureza culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ou melhor, ao Pai por Cristo no Espírito Santo.

No tempo pascal, a Igreja contempla Maria na Ressurreição do Senhor, olhando-a como fonte de luz e de vida. A sua presença no Cenáculo, em perseverança na oração, com os Apóstolos e os discípulos, expressa a sua expectativa pelo dom do Espírito na Igreja nascente.

O longo período do Tempo Comum oferece uma série de festas, memórias e de uma solenidade de Maria inserida no mistério de Cristo e da Igreja:

Solenidades

- . Assunção da Virgem Santa Maria (15 de Agosto);
- . A Virgem Santa Maria, Rainha “Senhora das Graças” (22 de Agosto), conforme o calendário próprio da nossa Diocese.

Festas

- . Natividade da Virgem Santa Maria (8 de Setembro);
- . Nossa Senhora de Fátima (13 de Maio);
- . Visitação da Virgem Santa Maria (31 de Maio).

Memórias Obrigatórias

- . Coração Imaculado de Maria (Sábado depois da solenidade do Sagrado Coração de Jesus);
- . Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho);
- . Nossa Senhora das Dores (15 de Setembro);
- . Nossa Senhora do Rosário (8 de Outubro), conforme o calendário próprio da nossa Diocese, porque no dia 7 de Outubro na Diocese de Bragança-Miranda celebra-se o aniversário da dedicação da igreja Catedral;
- . Apresentação da Virgem Santa Maria (21 de Novembro).

Memórias Facultativas

- . Nossa Senhora de Lourdes (11 de Fevereiro);
 - . Dedicação da Basílica de S.ta Maria Maior (5 de Agosto);
- Dentre estas celebrações assume particular significado a solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, uma festividade que a tradição ofereceu à Igreja. A fé da Igreja no mistério da Assunção de Nossa Senhora manifesta-se no facto de, há muitos séculos, nas diversas Igrejas do Oriente e do

Ocidente se celebrar esta festa. Em Roma conhece-se esta festa no século VI, no tempo do Papa Sérgio I, com o nome de *Dormitio Mariae*. Em 1849, chegaram à Santa Sé as primeiras petições para a proclamação do dogma e, em 1 de Novembro de 1950, o Papa Pio XII proclamou a verdade de fé da Assunção pela constituição apostólica *Munificentissimus Deus*.

Na nossa amada Diocese, confirmámos esta multiseular Tradição, assinalando-a com a criação do santuário diocesano de Nossa Senhora da Assunção, Vilas Boas, Unidade Pastoral Senhora da Assunção, no dia 24 de julho de 2016, quando concluímos a visita pastoral a toda a Diocese.

A fundamentação bíblica para esta solenidade encontra-se em muitos textos, em especial na visão do Apocalipse ao realçar que «*um sinal grandioso apareceu no Céu: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de estrelas na cabeça*» (Ap 12,1).

A Liturgia deste dia oferece-nos o sentido da plenitude e da bem-aventurança, da glorificação da alma imaculada e do corpo virginal de Maria com a sua total configuração a Cristo Ressuscitado. No Prefácio da solenidade diz-se da Virgem Mãe de Deus, que foi elevada à glória do Céu: «*Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante, Ela é sinal de consolação e esperança para o povo peregrino*».

Na Assunção de Maria intuímos a glorificação que espera todo o Universo no fim dos tempos, quando «*Deus será tudo em todos*» (1Cor 12,28) e em tudo. É a parte da Humanidade já redimida, figura da “terra prometida” a que somos chamados, porção de terra transplantada no céu. Um hino da Igreja Ortodoxa Sérvia canta Maria como “terra do Céu”, terra, *adamah* da qual nós, como ela, fomos criados (cf. Gen 2,7), mas terra redimida, crística, transfigurada graças à força do Espírito Santo, terra para sempre em Deus, antecipação do nosso destino comum (E. Bianchi).

Além destas festividades, a Igreja propõe uma colectânea de Missas da Virgem Santa Maria constituída em dois volumes – o Missal e o Leccionário – para promover a genuína piedade mariana. O primeiro volume contém os textos eucológicos (Oração Colecta, Oração sobre as oblatas, Prefácio e Oração depois da comunhão), as antífonas de entrada e da comunhão

e, em apêndice, algumas fórmulas para a bênção solene no fim da Missa. O segundo volume recolhe as leituras bíblicas propostas para cada uma das Missas.

A estrutura da Colectânea de Missas insere-se no decorrer do Ano Litúrgico e, para cada formulário de Missa, apresenta-se uma introdução de índole histórica, litúrgica e pastoral, onde se releva o significado, a teologia e as suas fontes para favorecer a preparação da celebração eucarística. Muito recomendamos o uso destes livros litúrgicos ao ritmo do Ano Litúrgico e especialmente no Tempo Pascal com os formulários 15 a 18, dado que falta uma presença significativa de Maria no Tempo Pascal em relação ao que acontece no Tempo do Advento-Natal-Epifania.

O valor exemplar da Virgem Maria nas celebrações litúrgicas é, assim, sublinhado nos preliminares do Missal da Colectânea: *«a liturgia, herdeira da doutrina e da linguagem dos Santos Padres, para exprimir a exemplaridade da Virgem Santa Maria, utiliza vários termos: exemplo, principalmente quando quer salientar a sua santidade e apresentá-la aos fiéis como fiel escrava do Senhor (cf. Lc 1,38; 2,48) e perfeita discípula de Cristo; figura, para indicar que a vida e a atitude de Maria – Virgem, Esposa e Mãe – prefiguram a vida da Igreja e guia os seus passos no caminho da fé e do seguimento do Senhor; imagem, para sublinhar que em Maria, já plenamente configurada com seu Filho, a Igreja “a contempla com alegria como puríssima imagem do que toda ela deseja e espera ser”»* (n. 15).

Efectivamente, se quisermos redescobrir a relação íntima entre a Igreja e a liturgia, em especial a Eucaristia, recorda São João Paulo II *«não podemos esquecer Maria, Mãe e modelo da Igreja»*, e considerar Maria, a mulher “eucarística” na totalidade da sua vida, embora *«à primeira vista, o Evangelho nada diz a tal respeito. A narração da instituição, na noite de Quinta-feira Santa, não fala de Maria. Mas sabe-se que Ela estava presente no meio dos Apóstolos, quando, «unidos pelo mesmo sentimento, se entregavam assiduamente à oração» (Act 1,14), na primeira comunidade que se reuniu depois da Ascensão à espera do Pentecostes. E não podia certamente deixar de estar presente, nas celebrações eucarísticas, no meio dos fiéis da primeira geração cristã, que eram assíduos à*

“*fração do pão*” (At 2,42)».

A Eucaristia, ao mesmo tempo que torna presente a Paixão e a Ressurreição, é um prolongamento da encarnação, constituindo a memória de um todo, ao que designamos de mistério pascal de Cristo. Se o binómio Igreja-Eucaristia é indivisível, é necessário encontrar a mesma relação entre Maria-Eucaristia nas nossas celebrações litúrgicas, porque «*a liturgia celebra, por meio de sinais sagrados, a obra de salvação que Deus Pai realizou por Cristo no Espírito Santo*» (n. 4).

A centralidade do mistério de Cristo na Liturgia vincula as festas de Maria à sua mesma celebração no decurso do Ano Litúrgico. Um pequeno quadro ajuda a perceber o paralelismo da relação entre a celebração do mistério/mistérios de Cristo com as festas de carácter mais mariano:

Mistério de Cristo

Festas marianas

Anunciação do Senhor	Imaculada Conceição
Natal do Senhor	Natividade de Maria
Apresentação do Senhor	Apresentação de Maria
Exaltação da Santa Cruz	Nossa Senhora das Dores
Páscoa-Ascensão do Senhor	Assunção aos Céus
Cristo Rei do Universo	Nossa Senhora, Rainha
Sagrado Coração de Jesus	Imaculado Coração de Maria

O Povo Santo de Deus sentiu, ao longo da história da Igreja, e a Liturgia assim o celebra, que quem fala de Jesus Cristo não pode deixar de falar de Maria.

4. A piedade Popular Mariana

Segundo o *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia, Princípios e orientações*, publicado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos: «*A locução “piedade popular” designa aqui as diversas manifestações culturais de carácter privado ou comunitário que, no âmbito da fé cristã, se exprimem predominantemente não com os módulos da sagrada Liturgia, mas nas formas peculiares derivantes do génio de um povo ou de uma etnia e da sua cultura. A piedade popular, justamente considerada um*

“verdadeiro tesouro do povo de Deus”, «manifesta uma sede de Deus que só os simples e os pobres podem conhecer; torna capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um sentido apurado dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante; gera atitudes interiores raramente observadas noutra lugar no mesmo nível: paciência, sentido da cruz na vida diária, desapego, abertura aos outros, devoção».

O mesmo Directório afirma: *«A realidade indicada com a locução “religiosidade popular” refere-se a uma experiência universal: tanto no coração de cada pessoa, como na cultura de cada povo e nas suas manifestações colectivas, está sempre presente uma dimensão religiosa. De facto, cada povo tende a exprimir a sua visão totalizadora da transcendência e a sua concepção da natureza, da sociedade e da história através de mediações culturais, numa síntese característica de grande significado humano e espiritual. A religiosidade popular não se reporta necessariamente à revelação cristã. Mas, em muitas regiões, exprimindo-se numa sociedade impregnada, de muitas maneiras, de elementos cristãos, dá lugar a uma espécie de “catolicismo popular”, em que coexistem, mais ou menos harmonicamente, elementos provenientes do sentido religioso da vida, da cultura própria de um povo, da revelação cristã».*

A diferença entre piedade popular e religiosidade popular é radical. A piedade popular move-se no âmbito da fé cristã; a religiosidade popular, pelo contrário, não se reporta necessariamente à revelação cristã.

Por testemunhos que remontam ao século IV, o culto a Maria entrou na alma do povo cristão e teve grandes manifestações na piedade popular. Aceitar esta piedade implica reconhecer a sua legitimidade na Igreja, acolhê-la com gratuidade e evitar toda a terapia destrutiva.

Há, pois, uma maneira nova de entender a piedade popular, não como um “cristianismo subdesenvolvido”, mas como uma das encarnações históricas do catolicismo e uma expressão privilegiada da inculturação da fé. Hoje reconhece-se a dignidade da piedade popular, afastando-se a utopia de um cristianismo puro e evangélico. A intuição do povo sobre

Maria é a de ter visto nela o êxito da redenção, o triunfo da vida sobre a morte, o valor da sua intercessão; por isso *"o culto do povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação"* (Lumen Gentium 66).

A piedade popular em terras de Bragança-Miranda vê Maria como presença viva, presença maternal que intervém como medianeira singular e universal; como alguém que partilha o sofrimento humano; como modelo da existência cristã, projeto daquilo que todos seremos um dia, ideal do que gostaríamos de ser.

Parece-nos que algumas intuições de carácter teológico poderão ajudar na evangelização e pastoral da fé. Quando se vê no povo uma profunda percepção da pessoa e função de Maria, é preciso dar graças a Deus *«porque Ele se manifesta aos mais simples e humildes da terra»* (Mt 11,25).

Falar da geografia da piedade mariana é, pois, falar desta *«presença de Maria, que nos dias de hoje, como aliás ao longo de toda a história da Igreja, encontra múltiplos meios de expressão. Possui também multiforme raio de ação: mediante a fé e piedade dos fiéis; mediante as tradições das famílias cristãs ou 'igrejas domésticas', das comunidades paroquiais e das dioceses, e mediante o poder de atração e irradiação dos grandes santuários, onde não apenas individualmente (...) procuram o encontro com a Mãe do Senhor, com Aquela que é feliz porque acreditou, que é a primeira entre aqueles que acreditaram e por isso se tornou a Mãe do Emanuel»* (S. João Paulo II, *Redemptoris Mater* 28).

Uma das características fundamentais da experiência religiosa do povo do Nordeste de Portugal, encontra-se na forte devoção a Nossa Senhora, através das gerações. Daí que seja legítimo conhecer melhor a geografia mariana nesta Diocese de Bragança-Miranda.

Ainda hoje a piedade mariana, bem como outras devoções populares, tem grande importância no estudo da fé do povo cristão. Antes do Concílio Ecuménico do Vaticano II, as práticas e celebrações populares tiveram maior relevo, dado que a Liturgia havia deixado de falar a língua de cada povo.

Porém, Maria ocupa um lugar importante na liturgia, veja-

se, por exemplo, a coleção das missas da Virgem Santa Maria, com 46 formulários ao longo do Ano Litúrgico. Este acontecimento notável da liturgia é fonte de renovação da piedade mariana. Os exercícios piedosos do povo cristão, continuam a ser recomendados, desde que estejam em conformidade com as leis e as normas da Igreja, se harmonizem com a sagrada liturgia, que por sua natureza é muito superior (cf. *Sacrosanctum Concilium* 13).

Purificar, consolidar e elevar é pois tarefa desafiante da evangelização. A piedade mariana precisa: de purificação para com os perigos e ambiguidades; de ser consolidada nos aspetos positivos; e de ser elevada, referindo-se sempre a Jesus Cristo. Também o Concílio Vaticano II, ao falar do Ano Litúrgico, diz «*na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, porque indissoluvelmente unida à obra de salvação do seu Filho, a Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser*» (*Sacrosanctum Concilium* 103).

Para a renovação da piedade mariana, a exortação *Marialis Cultus* do Papa Beato Paulo VI concentra-se nas notas trinitárias, cristológicas e eclesiais e nas orientações bíblicas, litúrgicas, ecuménicas e antropológicas. Estes princípios devem regular a autêntica piedade popular mariana na Igreja, pois «*bem cedo os fiéis começaram a olhar para Maria, para, como ela, fazerem da própria vida um culto a Deus, e desse culto um compromisso vital*» (n. 21).

Efetivamente, a religiosidade popular identifica-se com Maria, símbolo da tragédia secular de pobreza e sofrimento, bem como das alegrias e esperanças deste povo. A piedade e o amor ao Cristo é algo que provém diretamente da fé. O culto tem o seu primeiro ato na adoração e na devoção, mas o culto de adoração, deve-se somente a Deus.

4.1. Geografia da piedade Mariana em Bragança- Miranda

Em especial atenção para com o culto mariano, a Diocese de Bragança- Miranda, reunida em Sínodo Diocesano em 1945, na celebração dos 400 anos da criação da Diocese, dedicou-lhe

um capítulo nas suas constituições (parte IV, capítulo IV, parágrafos 655-664). Entende o Sínodo que *«a devoção à Santíssima Virgem é para todos os fiéis um dever e uma necessidade (...). Recomenda-se a todos os fiéis uma devoção muito filial e cada vez maior à Mãe de Deus, padroeira da nossa Pátria, cujo culto aqui é tradicional, especialmente sob os títulos de Imaculada Conceição e de Senhora das Dores. Procurem os párocos estabelecer nas suas igrejas, associações piás destinadas a promover o culto da Santíssima Virgem (...). Procurem também que nas suas igrejas se não puder haver um altar dedicado a Nossa Senhora, haja ao menos a sua imagem exposta à veneração dos fiéis»*.

De 1a 17 de Junho de 1949, a Diocese recebeu calorosamente a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, fazendo 15 paragens, tantas quantos os mistérios do rosário. Nos nossos dias, de 12 a 26 de julho de 2015, toda a Diocese, com grande júbilo e alegria inesquecíveis, foi visitada pela Senhora mais brilhante que o sol nos 4 Arciprestados e na maioria das Unidades Pastorais. A graça desta visita trasbordou de união e paz entre os fiéis da Diocese. Bragança é por tradição uma das cidades mais marianas de Portugal, pois foi um príncipe da Dinastia de Bragança que promoveu em 1646 a proclamação de Nossa Senhora copadroeira de Portugal. Desde 1856 que Nossa Senhora é padroeira de Bragança, sob a invocação de Senhora das Graças e desde 1957 que o feriado municipal coincide com o dia 22 de Agosto.

Após o Concílio Vaticano II, a crise verificada na Igreja no que respeita à piedade mariana não se fez ressentir muito em Bragança. Nos últimos anos, o culto mariano tem recebido forte influência da 'Senhora de Fátima'. Basta dizer que não há igreja ou capela sem a sua imagem.

4.2. Paróquias dedicadas a Nossa Senhora

Para avaliar a intensidade e orientação do culto à Virgem Maria na Diocese de Bragança-Miranda, o método mais simples, entre outros, será o de analisar as invocações e títulos com que os bragançanos a Ela se dirigem, tanto nas paróquias como nos santuários.

Em 1890, fazendo uso do Censo do Reino de Portugal, a

Diocese de Bragança, possuía 290 freguesias, sendo 45 dedicadas a Nossa Senhora. Hoje, num total de 326 paróquias existem 64 paróquias que têm Nossa Senhora comopadroeira.

Todas as invocações aparecidas mais de uma vez correspondem às festas instituídas pela Igreja e celebradas na Liturgia, ligadas ao mistério e vida da Mãe de Deus. O título mais usado é Assunção. Existem ainda alguns nomes singulares como: Senhora da Parada (Lousa); Senhora da Guia (Tua); Senhora da Fé (Vilarinho da Castanheira).

4.3. Santuários Marianos

Para o Papa S. João Paulo II, *«há alguns lugares, nos quais os homens sentem particularmente a presença da Mãe. Não raro estes locais irradiam amplamente a sua luz e atraem a si gente de longe. (...) Estes lugares são os santuários marianos»*, quais antenas permanentes da Boa Notícia.

Com o nome de Santuário, o Código de Direito Canónico precisa: *«designa-se uma igreja, ou outro lugar sagrado a que, por um motivo peculiar de piedade, acorrem em peregrinação numerosos fiéis com a aprovação do Ordinário do lugar»* (Can. 1230).

O santuário remete-nos ao ‘lugar santo’ como sítio ou espaço que, com intensidade particular, manifesta o sagrado. O renascer atual do santuário não se centra tanto no santuário urbano, mas sim fora da cidade, no cimo dos montes, vales, lugares solitários ou agrestes e nos ermos. Este lugar funciona como espaço de liberdade, pois leva à fuga da vida de todos os dias. É lugar do “Outro possível” onde intervém o “Outro Invisível”. O santuário tem a virtualidade de ser resposta às contrariedades do quotidiano; aparece como algo de novidade oferecido a todos, aberto aos anseios de todos. O povo tem respeito profundo pelos santuários. Eles são património cultural e espiritual a requerer uma pastoral mais cuidada.

As gerações de cristãos das terras bragançanas têm, para com a Mãe de Deus, as mais variadas e significativas manifestações de amor e veneração. A geografia do culto mariano é ampla. Nossa Senhora é o fundamento mais poderoso da terra nordestina. Ela é muitas vezes, superior à sua fé em Jesus Cristo.

As paróquias e os santuários são lugares onde Maria está sempre presente. Notei, porém, que as invocações de Nossa Senhora nas paróquias diferem daquelas com que é venerada nos santuários. Nas primeiras aparece como Mulher de fé e agraciada por Deus na sua vida; nos últimos assume uma dimensão de intercessão para com as necessidades pessoais e colectivas, estando a sua invocação intimamente ligada às origens do santuário (Senhora do Castelo, do Monte), lenda ou milagres (Senhora de Balsamão) e ainda a elementos telúricos (Veiga, Penha, Hera, Castanheiro). Cada santuário tem a “sua imagem” e alguns surgiram para serem custódia dessa imagem.

A justa encarnação da piedade popular mariana está na realização de práticas autênticas e bem ordenadas, segundo as orientações da Igreja, que levam a valorizar o essencial antes do secundário, a liturgia antes das devoções, as devoções maiores antes das devoções menores, o dogma antes das revelações privadas. O problema não está entre o excesso e o defeito, mas entre o defeito e o desvio.

A piedade mariana tem direito de cidadania no contexto da vida eclesial, não é velharia de antigamente, algo sem actualidade numa Igreja do terceiro milénio. Deus veio ao mundo por Maria. A Igreja vê nela o seu modelo e protótipo. Todavia, a piedade com rasgos excessivos de sentimentalismo, individualismo, protecção e salvacionismo, é hoje inaceitável.

Os sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação dificilmente são expressão do culto popular mariano, embora hajam algumas experiências pastorais que conduzem, cada vez mais, a tal propósito (ex: Novenas de Nossa Senhora das Graças na Unidade Pastoral Senhora das Graças, Nossa Senhora da Serra na Unidade Pastoral Senhora da Serra, Nossa Senhora da Assunção no santuário diocesano de Nossa Senhora da Assunção).

A piedade reconhece Maria como Mãe de Jesus. Na maior parte das imagens, Maria aparece com o Menino nos braços. É com esperança que se assiste à renovação de uma forma sacramental e comunitária, em que Maria ocupa um lugar firme e modesto de acordo com o Evangelho.

A verdadeira espiritualidade da piedade mariana não consiste tanto em rezar a Maria, mas, antes, em rezar como Maria e com Maria. Não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa Mãe e a imitar as suas atitudes.

A piedade cristã volta os seus olhos para Maria, a Mãe de Misericórdia, cantando alegre e jubilosamente: *«Tu és a glória de Jerusalém; és a alegria do Povo de Deus – Avé-Maria!»*

Maria, tão presente no coração das gentes de Bragança-Miranda, poderá ser uma verdadeira estrela de evangelização, caminho e presença eficaz no itinerário cristão.

4.4. Alguns exercícios de piedade

a) O “Angelus” ou “Avé-Marias” ou “Trindades”

A prática de recordar o mistério da Encarnação com uma oração nos três momentos característicos de cada dia: manhã, meio-dia e tarde, foi-se desenvolvendo ao longo do tempo na Igreja. Felizmente que, em muitas Paróquias e suas anexas, estes três momentos quotidianos ainda são rogados ao som dos sinos.

A oração do *Angelus Domini* é constituída por três antífonas, seguidas de uma Avé-Maria, com um versículo e com uma oração conclusiva. Em muitos lugares, acrescentam-se ainda três Glória ao Pai e uma intercessão pelos fiéis defuntos.

Como advertiu o Beato Paulo VI, a oração do “*Angelus Domini*” ou também chamada de “Avé-Marias” ou “Trindades”: *«é um exercício de piedade que não tem necessidade de ser renovado: a sua estrutura simples, o carácter bíblico, a origem histórica que o liga à invocação a favor da paz, o ritmo quase litúrgico com que santifica os diversos momentos do dia, a abertura ao Mistério Pascal com que, sem deixar de comemorar a Encarnação do Filho de Deus, pedimos para ser conduzidos, “pela sua paixão e morte na Cruz, à glória da ressurreição” – fazem com que ele, à distância de séculos, conserve inalterado o seu valor e intacta a sua suavidade»* (Paulo VI, MC 41).

No Tempo Pascal esta oração recita-se em forma da

Regina Caeli.

Por isso, muito recomendamos esta bela oração nos três momentos característicos de cada dia: manhã, meio dia e tarde, rezada de forma individual e, se possível, em família ou comunidade.

b) O Rosário

O rosário ou o terço, como habitualmente lhe chamamos, é uma oração cristocentrica, porque na escola de Maria meditamos os mistérios de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Este é um meio simples mas muito eficaz de meditação dos mistérios de Cristo. O Papa Bento XVI disse-o claramente durante uma oração do *Angelus*: *«o rosário não se contrapõe à meditação da Palavra de Deus e à oração litúrgica; pelo contrário, representa um natural e ideal complemento, em particular como preparação e como agradecimento à celebração eucarística. Cristo encontrado no Evangelho e no Sacramento, contemplamo-Lo com Maria nos vários momentos da sua vida graças aos mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos».*

As três orações repetidas na recitação do rosário são: o Pai-Nosso; a Avé-Maria e o Glória ao Pai. Em Portugal é prática muito comum o acrescento de outras duas orações: *«Ó Maria concedida sem pecado. Rogai por nós que recorreremos a Vós»;* e outra, sob influência de Fátima: *«Ó meu Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas todas para o céu, principalmente as mais necessitadas».* Todavia, a fórmula central do rosário é a oração da Avé-Maria.

S. João Paulo II apresentou o rosário como a oração da família: *«Oração pela paz, o Rosário foi desde sempre também oração da família e pela família. Outrora, esta oração era particularmente amada pelas famílias cristãs e favorecia certamente a sua união. É preciso não deixar perder esta preciosa herança. Importa voltar a rezar em família e pelas famílias, servindo-se ainda desta forma de oração».*

Em Fátima, a Senhora une a sua mensagem à oração do rosário. A primeira exortação à oração quotidiana do rosário que Nossa Senhora fez aos três pastorinhos em Fátima foi em 13 de Maio de 1917: *«rezem o terço todos os dias, para*

alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra». Quando Maria apareceu em Fátima, o rosário era já a devoção do povo de Deus. Ao tempo, o rosário consistia na recitação de 150 Avé-Marias, intermediadas em cada dezena de um Glória ao Pai e de um Pai-Nosso, meditando sobre os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos da vida de Cristo e de Maria. Hoje, a configuração do rosário apresenta-se um pouco diferente. Com o objetivo de potenciar o sentido cristológico do rosário, S. João Paulo II propôs de integrar o esquema tradicional com os mistérios luminosos, ou seja, com os mistérios da vida pública de Cristo entre o Batismo e a Paixão.

Na realidade, o rosário «pela sua simplicidade, permite exercitar a oração contínua, oração do coração e da mente, da invocação do nome de Jesus, do recurso contínuo a Maria no momento presente e na hora da morte» (J. Castellano).

Conclusão

Estamos bem conscientes que o modelo perfeito da espiritualidade e do apostolado *«é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levando, na terra, uma vida semelhante à do comum dos homens, cheia de cuidados domésticos e de trabalhos, a todo o momento se mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador; agora, elevada ao céu, “cuida com amor materno dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, peregrinam ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada”. Prestem-lhe todos um culto cheio de devoção e confiem à sua solicitude materna a própria vida e apostolado» (Apostolicam Actuositatem 4).*

Maria, Vós sabeis que não podemos falar de Vós, pois sois demasiado grande! Vos pedimos que sejais Vós mesma a falar ao íntimo do nosso coração com a linguagem interior que somos capazes de entender quando Vós nos falais. Falai às crianças da nossa Diocese, com o mesmo brilho que adoçava o vosso olhar quando o Menino Jesus, desde Belém, crescia em sabedoria, em estatura e em graça (cf. Lc 2, 52). Falai aos jovens sobre a alegria íntima de dizer sim a Deus, quando anjos inesperados trazem d’Ele as anunciações mais desconcertantes! Falai às famílias daquela suave entrega que

em Nazaré se fazia oração e trabalho, descanso e atenção ao outro, fortaleza e ternura. Falai às mulheres, às mães, às esposas, que trazem nas mãos toda a bondade que encontram no coração! Falai às pessoas consagradas do entusiasmo oblato, quando seguíeis o Vosso Filho bendito pelos caminhos austeros e felizes da missão; falai aos sacerdotes do odor e do fogo do Cenáculo, no calor da ceia, da oração unvida pelo Espírito Santo e da urgência jubilosa do envio; falai aos idosos, aos doentes e a todos os atribulados de uma esperança sempre acesa, vencendo as investidas da morte e do impossível. Obrigado, querida Mãe, por terdes sido a primeira peregrina da fé em Jesus Cristo, a quem nos gloriamos de pertencer por misericórdia do Pai no Espírito Santo.

Gostaria de findar com o mesmo texto do Adeus à imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, no dia 26 de julho de 2015, na ponte do Pocinho, peregrinando desde a nobre e simples celebração da Eucaristia na Catedral:

Feliz Senhora da Palavra e do olhar mais brilhante;

Salvé Rainha, Serva amiga da ternura e do sorriso;

Tu és a casa acolhedora dos sonhos de Deus Pai, Filho e Espírito Santo;

Desde a Anunciação ao Pentecostes vemos-Te totalmente disponível à vontade divina.

Em Fátima confirmaste a três crianças o Evangelho da Graça, da Misericórdia e da Paz.

Aqui, neste Nordeste de Portugal, peregrinas connosco e neste tempo extraordinário de festa, de 12 a 26 de julho de 2015, realizaste a visita maternal à nossa amada Diocese de Bragança-Miranda, nos seus 4 Arciprestados: Bragança, Miranda, Mirandela e Moncorvo; nos 12 Municípios: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Vila Flor, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Miranda do Douro, Vimioso, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vinhais e Bragança; nas famílias nas Paróquias; nos Santuários, nas Unidades Pastorais, e em tantas casas e outros lugares, onde muitos corações se transformaram e muitos olhos brilharam e choraram ao mostrares a confiança na Palavra viva, fonte de santidade.

Foi encantador e cheio de excelentes surpresas o

acolhimento próximo, hospitaleiro, fidalgo, filial e fraterno! Aprendemos com S. Bento, nosso padroeiro, o dom da hospitalidade a Cristo, acolhendo-Te e a todos os nossos irmãos e irmãs.

Todas as cidades, vilas e aldeias Te acolheram de forma única, autêntica e bela.

Nesta terra transmontana, todas as gerações Te proclamam e invocam com incontáveis nomes: Senhora das Graças, Senhora da Assunção, Senhora dos Montes Ermos, Senhora do Castelo, Imaculada Conceição, Senhora do Caminho, Senhora da Luz, Senhora do Nazo, Senhora da Serra, Senhora do Rosário, Senhora da Visitação, Senhora da Saúde, Senhora dos Remédios, Senhora do Amparo, Senhora de Balsamão, Senhora do Campo, Senhora da Ribeira, Senhora das Dores, Senhora do Aviso e do Viso, Santa Maria Maior...

Quando concluíres a peregrinação a todas as dioceses, queremos retribuir a tua inesquecível visita no Ano da Bíblia e da Vida Consagrada. No próximo Ano santo da Misericórdia e da Santidade, de 10 a 12 de junho de 2016, ousamos realizar a primeira peregrinação diocesana a Fátima.

Mãe do Imaculado coração, confiamos ao teu olhar misericordioso e ao teu regaço materno: a alegria da paz para o mundo e para a Igreja, em especial a união e a paz para a Igreja peregrina em Bragança-Miranda nos Presbíteros, nos Diáconos, nos Consagrados, nos Leigos, nas Famílias, no Seminário de S. José, nas Paróquias, nas Unidades Pastorais, nos Arciprestados, nos Movimentos, na Cáritas, nas Fundações canónicas, nos Centros Sociais Paroquiais, nas Misericórdias, nas Confrarias, nas Irmandades, nas escolas, nas crianças, nos jovens, nos adultos, nos idosos e em todos os Teus filhos da Diocese, especialmente os doentes e todas as pessoas que vivem no sofrimento, na solidão, no isolamento, na prisão, na deficiência, na ignorância, na pobreza, na depressão, no stress, no desemprego e na migração.

Intercedemos também pelas Instituições autárquicas, civis, académicas, das forças da segurança, da solidariedade social, a comunicação social e por todas as pessoas de boa vontade que buscam o Bem e a Verdade na sua vida.

Mãe Peregrina, sê sempre a nossa companheira nos

caminhos da vocação e da missão para Cristo, a nossa Páscoa e a nossa Paz.

Muito obrigado por nos congregares na união e na paz. Continua a peregrinar connosco para o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

Bem-hajas por tudo!

Catedral, 2 de outubro de 2016, 5.º aniversário da ordenação episcopal e início do ministério pastoral na Diocese de Bragança-Miranda.

+ José Manuel Cordeiro, Peregrino convosco e Bispo para vós, *ad docendum Christi mysteria*